



Diário de Lisboa

26

ANO 58.
N.º 19 767
7850

Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos

Director-adjunto Fernando Piteira Santos



AVOLUMA-SE A HIPÓTESE DE ELEIÇÕES ANTECIPADAS

Partidos outra vez a caminho de Belém

Entretanto as declarações de Jorge Campinos ao semanário sugerem aparen-

Fundação Cuidar o Futuro



MARIA DE LURDES PINTASSILGO

"Estamos a perder o sentido do risco"

«A sociedade portuguesa está a perder o sentido do risco» — constata a eng.ª Maria de Lurdes Pintassilgo num passo da extensa entrevista que concedeu ao «DL». Embaixadora de Portugal junto da UNESCO, também dirigente da Cooperativa Graal, Maria de Lurdes Pintassilgo fez parte de um Governo Provisório no pós-25 de Abril e esteve recentemente em foco quando o seu nome veio a ser apontado como o de um primeiro-ministro possível para a sucessão de Mário Soares. Outros temas da entrevista focam o papel da cultura como motor de desenvolvimento, a necessidade inadiável de um projecto cultural para o País e a libertação da mulher como uma esperança nova. Denúncias são feitas da uniformidade do trabalho para que estamos a caminhar e bem assim da opressão interiorizada que sobre nós todos pesa.

(Pág. 10)



ENTREVISTA COM



MARIA DE LURDES PINTASSILGO:

- O cargo que exerce exige necessariamente um contacto permanente com a vida nacional e consequentemente uma definição das prioridades e objectivos que julga viáveis para uma solução do problema nacional.

- Esta questão levanta muitas dificuldades porque cada dia temos a sensação de que o vector mais importante está num sítio diferente. Seria mera utopia ou lirismo se não dissesse que os problemas económicos são hoje problemas muito importantes.

Representante de Portugal junto da UNESCO, recentemente apontada como uma das personalidades indigitadas para primeiro-ministro, Maria de Lurdes Pintassilgo, engenheira, defende na presente entrevista a cultura como motor do desenvolvimento económico, preconiza a necessidade de um projecto cultural, defende a descentralização, aponta uma concepção de trabalho, chama a nossa atenção para a perda do sentido do risco, e explica os objectivos do movimento do Graal.



Desejaria que a descentralização se fizesse segundo esquemas em que ficassem a caber aos serviços centrais, eventualmente localizados em Lisboa, aspectos normativos de investigação, planeamento global, coordenação, inspecção, e em que a decisão e execução estivessem nas mãos dos agentes que se encontram nos locais, não só no local limitado, mas no sentido mais amplo que pode ser o distrito ou a região, quando eles estiverem suficientemente definidos.

De facto, quando os órgãos locais têm nas suas mãos meios de actuação, encontram soluções e têm ideias que às vezes levariam não sei quanto tempo a serem resolvidos no gabinete aqui em Lisboa.

Penso que houve um empolamento do problema depois do 25 de Abril com o regresso de funcionários que estavam excluídos ou outras pessoas que foram entrando não só no aparelho de Estado mas em órgãos de Comunicação Social.

correm risco nenhum. Penso que esta situação não se resolve culpabilizando e desmascarando essa falta de responsabilidade e sentido do risco, mas só pode conseguir-se através de uma resolução cultural, de uma dinamização através de um projecto comum que nos obrigue a correr um certo número de riscos.

UMA ENERGIA DESCONHECIDA

- Sabendo que os caminhos da libertação são difíceis, que importância atribui à luta específica das mulheres?

- A situação no nosso País parece-me muito grave. A nível internacional, atribuo uma grande importância aos movimentos de libertação da mulher. Considero mesmo que são uma das grandes brechas da sociedade contemporânea: falam outra linguagem, apontam outro tipo de problemas, dão valor a realidades que estão aparente-

"A sociedade portuguesa está a perder o sentido do risco que se deve correr"



- Os serviços tornaram-se na nossa sociedade, mercê do gigantismo do aparelho de Estado (que já existia antes do 25 de Abril), uma espécie de serpente que se auto-devora em que a distância entre aquele que serve o povo e aquele que utiliza o serviço é enorme. Como é mediada através de papéis, isso leva cada vez mais a uma enorme desumanização, verificando-se esta situação paradoxal: nos serviços, pelo menos para mim que trabalhei vários anos como engenheira, a desumanização é maior que na própria produção industrial em que trabalhamos com máquinas e produtos químicos.

Através do relatório, do processo, da ficha, da guia que circula do rés-do-chão ao sétimo andar, consoante os graus hierárquicos, perde-se a noção de para quem se destina aquele papel de serviço e que serviço é que se vai satisfazer. Portanto, acho que há uma carência fundamental que é toda a infra-estrutura de muitas das nossas necessidades que está em situação de falência, não económica, mas de combustível, sendo aqui o combustível o interesse e o dinamismo dos vários agentes dos serviços.

TRANSFORMAR O TRABALHO

- As carências que acaba de apontar para o caso dos serviços não implicam a necessidade de transformar as próprias condições de trabalho?

- Tem sido para mim objecto de uma certa perplexidade verificar a uniformidade do trabalho para que estamos a caminhar. Cada um de nós sabe perfeitamente como e quando funciona melhor. Para mim, o trabalho é muito importante no sentido de cada pessoa ser dona daquilo que produz, poder dominar completamente aquilo que faz e isso quer dizer estar de posse do conhecimento do que se está a fazer, saber para que serve. Através disso enriquecermo-nos

humana e culturalmente, e não só monetariamente.

É também importante o tempo que se utiliza, sabendo-se que o rendimento máximo (lejos é de cinco horas e de outros de dez ou doze. Por isso, julgo que seria muito benéfico na sociedade portuguesa e conseguiríamos muito mais rendimento e dinamização se nos libertássemos dos limites de uma certa uniformidade que se foi necessária numa primeira fase de reivindicação de direitos, numa segunda etapa parece-me poder ser doseada.

Sei que se trata de um problema muito complexo, mas é evidente que numa consciência muito vinculada dos direitos dos nossos concidadãos é possível que alguns de nós possamos encetar a hipótese de trabalho a tempo parcial, o que libertaria já meio posto de trabalho para outras pessoas nas mesmas circunstâncias. Talvez fôssemos tão rentáveis como estamos a ser a tempo inteiro. Esta reorganização do trabalho constitui um problema urgente, salvaguardando sempre o que é indispensável à sobrevivência da pessoa em todas as dimensões.

DESCENTRALIZAR O PAÍS

- Partindo da sua concepção segundo a qual a cultura é o motor do desenvolvimento, parece-me decisivo estimular a iniciativa das populações locais no sentido de virem a participar activamente na resolução dos seus problemas.

- De facto, para mim o problema da descentralização é um dos problemas mais urgentes. Acho que Lisboa continua a ser o centro de todas as decisões e que as decisões estão concentradas no topo de cada pirâmide. Esta desresponsabilização que se está a verificar a nível dos serviços centrais verifica-se de uma forma muito mais aguda percorrendo o País. Acredito imenso na criatividade das pessoas nos sítios onde estão e na capacidade de resolverem os seus problemas.

BANIR A OPRESSÃO INTERIORIZADA

- Que factores têm contribuído para o fortalecimento do poder central?

- Quanto a mim, o problema vem muito detrás, da concepção de Estado napoleónico e centralizador que é o nosso. Durante anos o receio do chefe era tal, e a opressão estava de tal modo interiorizada, que a capacidade de decisão a qualquer escala era praticamente nula. Penso que nestes quatro anos o problema não foi resolvido.

Evidentemente que podemos encontrar muitas razões entre as quais as transformações que se vêm operando, a mudança de liderança no topo não só nos serviços públicos, mas nas empresas de toda a ordem e isso cria um sentimento de insegurança colectiva porque não se sabe exactamente qual a direcção a seguir. Mas uma coisa é a insegurança, outra coisa é o não cumprimento das responsabilidades que directamente nos cabem.

O SENTIDO DO RISCO

- Não permitirá esta questão clarificar alguns dos aspectos negativos da nossa identidade nacional?

- Quanto a mim, isto tem que ver com certa perda de uma qualidade nacional que julgo ser parte da nossa identidade: o sentido do risco. É para mim espantoso ver como para os emigrantes o sentido do risco cobre toda a vida: O homem ou a mulher que emigram sem conhecerem a língua, sem conhecerem as leis, sem um tecto para se abrigarem. Simultaneamente, que risco correm as pessoas com casa, automóvel, curso universitário, vários anos de responsabilidade numa empresa ou num serviço? Verifico que não

mente escondidas. Nesse sentido, a importância que lhes dou é a importância que dou a todas as forças que trazem uma esperança nova. As mulheres são metade da população do planeta e estão em contacto com a vida de uma forma multifacetada em todos os aspectos. Sinto que quando se toca num aspecto todos os outros serão necessariamente afectados. Penso que os movimentos de libertação da mulher, mesmo quando se concentram, como acontece em países como o nosso, em aspectos que podem parecer marginais ou secundários, ou fruto de frustrações da sociedade burguesa e de classe média, são muito importantes na medida em que desencadeiam um processo que não sabemos onde vai terminar sobretudo dada a presença da mulher no mundo do trabalho onde muitas vezes está mais por razões de ordem económica.

Dada a opressão que experimentam em muitos sectores da vida quotidiana, e familiar, as mulheres aparecem simultaneamente enfrentando o público e o privado naquilo que ambos têm de mítico e de opressivo e julgo que daí o movimento de libertação ao desvendar aspectos num e outro domínio, está directamente ou indirectamente a postular outro tipo de sociedade em que essas realidades vão ter um conteúdo renovador e mais humano.

Não vejo os movimentos de libertação como movimentos segregacionistas pondo a mulher à margem da sociedade e opondo o bloco das mulheres ao bloco dos homens. Vejo-os como um certo tempo na sociedade em que as mulheres precisam entre si de dizer um certo número de palavras e de comunicar as suas experiências vividas para então serem capazes de fazerem ouvir a sua voz sabendo que têm por trás uma força.

A INTEGRAÇÃO NO GRAAL

- A sua integração no movimento? Continua na pág. 15

A óptica em que me situo é considerar a cultura motor de desenvolvimento e assim direi que me parece extremamente importante um projecto que tanto posso chamar educativo como cultural. Gosto de lhe chamar cultural porque sendo cultural supõe que toda a gente é o agente desse projecto.

Para mim, este projecto situa-se ao nível das aspirações, das motivações, da aquisição de uma bagagem mínima de conhecimentos. O que é que isto significa em termos concretos? Quer dizer que há uma prioridade muito grande na chamada educação de adultos que envolve o problema da alfabetização, que é grave no nosso País, mas implica também uma reciclagem e a formação de todos, e não só das massas trabalhadoras no sentido em que esta expressão é normalmente usada, incluindo ainda os graus hierárquicos das várias profissões.

É necessário encontrar uma motivação nova para o serviço colectivo. Refiro-me não a um serviço desencarnado, utópico, mas a um sentido concreto que me parece só ser possível através desse projecto cultural. Este projecto pode significar ainda o inventariar de novos postos de trabalho que teriam características especiais e exigiriam uma formação que não está sequer ainda institucionalizada, mas que seria possível adquirir dentro de uma formação acelerada e de uma adequada selecção de pessoas. Parece-me ainda urgente a própria concepção de bens e de serviços.

A SERPENTE QUE SE AUTO-DEVORA

- Qual é a situação específica que se torna urgente transformar a nível dos serviços?

Entrevista com



Maria de Lurdes Pintassilgo



Continuação da pág. 10

mento do Graal data de há longos anos e parece-me que essa ligação lhe tem permitido um verdadeiro laboratório de experimentação social. Como surgiu o movimento? Quais os princípios que o norteiam e quais as principais acções que têm realizado aqui em Portugal?

O movimento começou a funcionar com bastante dificuldade em 1957 e a ideia básica veio da Holanda. Frequentemente, as pessoas perguntam: é um movimento cristão? Não, não sendo de que é uma procura, uma busca, daí o nome de Graal. Neste momento, o movimento conta com a participação de gente não cristã há medida que fomos entrando em países muçulmanos ou de predominância não religiosa.

Trata-se de um movimento de mulheres cuja ideia inicial radica no princípio de que a força das mulheres não tem sido aproveitada e de que era necessário finalmente que as mulheres que reunissem enquanto mulheres e que desencadeassem na socie-

dade uma acção que «a priori não se sabia qual era mas que era legítimo pensar que seria diferente.

Numa primeira fase, nos anos sessenta, organizamo-nos em dois pólos, um junto das mulheres universitárias no sentido de ir mais longe na análise do que significa ser mulher nas várias profissões a que a faculdade dá acesso. Experiência esta levada a cabo em Coimbra porque o Graal foi proibido em Lisboa por ser considerado muito avançado para a mentalidade das mulheres portuguesas.

O outro pólo, foi desenvolvido em Portalegre a partir da ideia base de que era preciso promover as pessoas para que elas abram em todas as dimensões da vida. A tónica utilizada foi a do desenvolvimento comunitário. Por volta de 1962, desenvolvemos na zona de Lisboa, Portalegre e Coimbra, uma acção muito intensa em que várias pessoas colaboraram em diversas campanhas de alfabetização pelo método Paulo Freire. Acon-

teceram coisas espantosas no meio rural com gente de cinquenta anos que aprendeu a ler e a escrever em dois meses e em que os agentes eram quase sempre estudantes.

Sabendo que o movimento conta em Lisboa com cerca de oitenta mulheres e uma assinalável implantação rural, parece-me contudo que a sua influência ultrapasse estes limites?

— Encontro frequentemente em cargos de responsabilidade muitas mulheres que passaram pelo Graal o que corresponde ao nosso objectivo de procurar que as pessoas se autoforem de modo a desenvolverem amplamente as suas virtualidades. Na acção desenvolvida pelo Graal verificam-se aspectos claramente culturais sobretudo orientados para raparigas tanto no meio escolar liceal como universitário, sempre com a preocupação de dar a palavra às mulheres porque pensávamos e continuamos a pensar, que na nossa sociedade um dos problemas é a incapacidade temporária de formulação das dificuldades e opressões para a pessoa tomar consciência daquilo que lhe cabe fazer para transformar dinamicamente a sua própria vida.